

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 7 DE MAIO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 123

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	F. D'ALMEIDA.
Os nossos artistas—I Belmiro de Almeida.....	BLASIUS.
Ramalhão Artigão.....	F. D'ALMEIDA.
Com o Sr. C. de L.....	
A grãa dos ferreiros.....	ADELINA VIEIRA.
poesia.....	V. MAGALHÃES.
A Plebe, soneto.....	L. DE LISIE.
Discursos.....	A. FORTOURA.
Myrtil, soneto.....	A. PALHETA.
Bellas Artes.....	L. DE MENDONÇA.
Exaltação.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	NEO-SANZIO.
O artista, soneto.....	P. TALMA.
Theatros.....	LORGNON
Festas, bailes e concertos.....	
Escritas e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2o volume (anno de 1886) d'A Semana, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem o favor de os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

A SEMANA

A surpresa que para este numero havíamos prometido é a galeria *Os nossos artistas*, que hoje inauguramos com uma caricatura de Belmiro de Almeida, feita por elle mesmo, acompanhada de um artigo pelo nosso companheiro Filinto—igualmente de Almeida.

A grande novidade d'esta galeria está em serem os artistas que nellá entram os auctores dos seus proprios retratos ou caricaturas.

Já tivemos o assentimento de Aurelio de Figueiredo, Antonio Parreiras, Peres, Bento Barbosa e outros artistas distinctos.

Oremos que esta nova galeria, que iremos nternando com a do Elogio Mutuo (que continuará com o retrato de Raymundo Corrêa, com biographia de Lucio de Mendonça) ha de obter os applausos dos nossos assignantes.

Por motivo de enfermidade de José do Egypto e ausencia de Filinto não damos hoje *Historia dos sete dias*.

Do proximo numero em deante publicaremos chronicas politicas em'quo será feita humoristicamente a critica dos trabalhos parlamentares. Inconveniente-se graciosamente de escrever-as um dos nossos mais applaudidos e illustres collaboradores.

A REDACÇÃO

OS NOSSOS ARTISTAS

I

BELMIRO DE ALMEIDA



Fui colhido de surpresa por um telegramma imperioso e intempestivo, para traçar o perfil de Belmiro de Almeida. Não estava prevenido para este trabalho e tenho de o fazer á pressa, porque o tempo urge e o couboyo não espera por ninguém.

Faltam-me aqui os dados biographicos do Belmiro. Sei apenas que elle é mineiro e que conta, pouco mais ou menos, vinte e sete annos.

Conheci-o nos verdores da adolescencia, quando começava a cursar com muita distincção a Academia de Bellas Artes. Pouco mais tarde, em 82, tomando eu conta da redacção do *Binocular*, folha illustrada pelo finado scenographo Huascar de Vergara, reflecti que nos podia ser muito util a collaboração do Belmiro, porque o Huascar, velho e pouco ao facto dos acontecimentos e dos processos modernos da caricatura, não me satisfazia inteiramente. Fallei-lhe no negocio, offereci-lhe um logar na folha, e elle accitou com enthusiasmo o pouco que o *Binocular* lhe podia dar pelo seu trabalho.

Fui então que o conheci mais e melhor. Era um boemio desregradissimo; sem ambições artisticas mas cheio de aspirações artisticas, faltava-lhe o primeiro elemento para as realisar: a perseverança no trabalho. Não se descrevem, nem se podem

imaginar, as luctas que eu travava e sustentava dias e dias para que elle fosse desenhado em sua metade de pedra lithographica!

A folha sahia aos sabbados e ás terças-feiras começava o meu trabalho de procurar o Belmiro pela cidade. Era um horror! Em casa não estava nunca: era preciso pillal-o pelas ruas. A's vezes acontecia poder arrastal-o na quarta-feira até á redacção. Como não lia jornal, nem se informava de nada, estava sempre vazio de assumpto. Podia ter havido a bancarrota, podia ter cahido a monarchia, podia o cidadão Castro Urso ter sido elevado á presidencia do Conselho, podia o Sr. conselheiro Henriques ter ficado famoso á custa de preparações chemicas miraculosas—que o Belmiro de nada sabia. Era indispensavel que eu lhe fornecesse assumpto e que lhe indicasse a maneira de o tractar nas suas duas paginas.

Começava então a desenhado com furor; mas, de repente, a proposito de qualquer coisa, por mais insignificante, por mais futil, Belmiro largava o lapis, refastelava-se no divan da sala e esquecia-se na prosa. De outras vezes, interrompia o trabalho, deixava pees joelhos as pernas de Lopes Trovão, e começava num pedaço de tela o retrato a oleo do gerente da filha. Eu ficava

furioso, mas, como era muito amigo d'elle e não o queria desgostar, calava-me.

Chegada a hora de jantar elle sahia, protestando voltar immediatamente, e não apparecia mais... Na quinta-feira, nove trabalho de o procurar. Muitas vezes não o encontrava nem na sexta-feira, e no sabbado, quando elle se resolvia a vir acabar os desenhos, era necessario estar ali ao pé d'elle e não o deixar nunca sozinho. Ficavamos então no escriptorio, que era num segundo andar do berco das Cancellas, esquina da rua do Ouvidor, até uma, duas, tres horas da madrugada. O Huascar, que ao fim de pouco tempo começou a fazer o mesmo que o Belmiro, assistia tambem, e assim passavamos a noite, numa orgia de chá preto com torradas, que mandavamos vir do botaquim da Cascata, fumando desesperadamente cigarros e ouvindo os gemidos do proprietario da folha, o Antonio Reis, o *Reis-charada*, como lhe chamavam na *Gazeta*,—que nesse tempo andava muitissimo doente.

Mais tarde, o Reis foi para a Europa tractar-se e o Paula Ney comprou-lhe a folha, dando-me sociedade a mim e a Francisco Paquet, o gerente.

Esta associação, porém, não chegou a sair do terreno da pura idealidade. Eu arranjei um emprego e deixei o *Binocular*. Substituiu-me Silvestre de Lima, que ainda aguentou aquillo por um mez. Por fim, inteiramente baba de recurcos, a folha murchou e morreu. Chegara-lhe o outomno antes da primavera, coltada!

Aquella foi para mim uma época de grandes privações e sacrificios, mas, quando hoje encontro o Belmiro, não posso deixar de me lembrar com saudades do nosso antigo *Binocular*.

Dos companheiros de então já se envolveram dois nas trevas irreductiveas da morte—Antonio Reis e Huascar de Vergara; e outro, mais infeliz ainda, constamente que anda homisado por Minas, victima do seu temperamento exaltado e, talvez, do seu atrabiliario character.

Depois do *Binocular* Belmiro não tornou a desenhado em jornaes senão ultimamente, no ephemero e primoroso *Rataplan*.

Ha cerca de quatro annos resolveu ir pedir á assembléa da sua provincia natal os meios de poder ir estudar em Paris, que era o seu sonho constante.

Fui, em logar, porém, de tratar do motivo unico da viagem, piz-se a desenhado as sorprendentes paysagens mineiras, a copiar cascatas e florestas, n comprar esboços de costumes, e voltou como fora, sem pensão nem coisa alguma.

Depois d'este fiasco, desenvolveu então grande energia e arranjou com alguns amigos o que não conseguira na assembléa provincial de Minas. Foi a Paris e por lá esteve um anno.

Não sei se estudou muito, mas posso afirmar que pintou pouco. E, se da grande capital artistica do mundo moderno não trouxe quadros, trouxe u enorme, um desesperado desejo de voltar para lá.

Ultimamente, ainda ha poucos mezes, casou-se.

Este casamento e aquelle desejo, parece-me terem sido de uma immensa utilidade para o Belmiro. Desenvolveram-lhe um certo amor ao trabalho e a justa ambição de se distinguir como artista.

A *bohemia*, com o seu cortejo de privações e necessidades, trouxe-lhe a experiencia; a responsabilidade do lar deu-lhe a resolução. Com estas duas armas pôde-se travar com vantagem a grande luta da vida.

A physionomia artistica de Belmiro

de Almeida, por muito desigual o incoherente, é extremamente difícil de fixar.

Tem talento e originalidade. O que lhe tem faltado é perseverança e paciência. Muito nervoso e soffrão, começa vinte quadros para acabar dois ou tres. Todavia, n'elles que consegue acabar, abundam as suas notáveis qualidades. Na caricatura tem sido entre nós inextinguível. Dos seus quadros a elle, lembro-me de um que foi uma revelação. É o do naufragio de um pequeno navio que ha poucos meses deu à costa lá para as bandas de Niello-roy.

É um quadro de um metro de largura, mais ou menos; o navio occupa o segundo plano, ao centro, uma mancha insignificante. As aguas, agitadas ao fundo com violencia, levantam uma grande onda que arrebatava pavorosa no primeiro plano, levemente tocada de luznas orlas esverdeadas e espumantes. Para quebrar a monotonia do tom verde-escuro, o pintor collocou na parte inferior da tela, no angulo inferior do primeiro plano, á direita, um soberbo albatroz em voo, cuja harmonia delicadamente o effeito geral da composição.

Este quadro, um tanto revolucionario e audaz, revelou as excepcionaes qualidades do pintor novel, que nunca teve tempo para acabar o seu curso da Academia o que para fazer um nome glorioso de artista neste paiz seu arte sem meio, precisa apenas trabalhar, trabalhar sempre, com vontade, com ritmo, com ambição— como trabalham os mestres que alcançam a gloria e chegam á posteridade.

S. Paulo, 4 de Maio de 87.

FILINTO DE ALMEIDA.

RAMALHO ORTIGÃO

Alguns admiram o espirito sarcastico e acerado do Ramalho Ortigão, outros, seu estilo ductil e maleavel, prestando-se á expressão de quaesquer idéas e de quaesquer emoções, outros a independencia da linguagem e a altivez de caracter.

Para mim o que nelle é verdadeiramente digno de admiração, neste seculo de revoiticos, é a sua *robustez moral*. Nesta phrase eu comprehendo sua coragem na luta pela vida, transparecendo sempre nas doutrinas por elle prégadas. Ninguém mais do que esse escriptor comprehendeu a necessidade da coragem na vida privada, ninguém mais do que elle tem rehabilitado o trabalho honesto.

Isola-se do commun dos escriptores, rompe com todos os preconceitos, dá combate ás antigalhas, porque sente-se forte.

Não empallidece um momento suas circumstancias mais criticas da vida.

É sob este ponto de vista, como pregador da mais sã moral, que o acho sublime.

Para se ver a coragem de Ortigão em todas as crises da vida, para se ter uma idéa da moral que elle préga e segue basta abrir ao acaso a collecção das *Farpas*. Suas doutrinas sobre o jogo, por exemplo, como são cheias de sensateza. Elle cahiu nua noite entre as garras de dous batoteiros. De madrugada, fatigado pela vigilia, exaustão de forças e de dinheiro, elle vê um dos seus companheiros de desgraça chorando. A lição de moral pictorresca mas altamente sensata que elle dá a esse infeliz é digna de ser lida e relida. O valente escriptor, depois de exprobar em tercos alegres e finamente espirituosos a traqueza do choraminguas, pize-se em lido de comparação com o lamuriendo e então offerece o espectáculo d'um gigante ao lado de um pignoneu.

De facto para que lastimar o dinheiro perdido no jogo? O que cumpre é trabalhar e não chorar o que está irreme-

diavelmente acabado. Na conquista da vida, como na conquista do vollocino, cumpre não olhar jamais para trás.

A critica da tristeza de Alexandro Heroulanu, o solitario do Valle de Lobos, é outra peça já oudo so vé quanto Ortigão engrandece o trabalho, e quantos males attribue á ociosidade, mesmo na época mais adiantada da vida.

A carta a S. A. o príncipe D. Carlos é um verdadeiro tratado de educação. Essa carta por si bastaria para tornar Ortigão digno de ser considerado profundo moralista.

Continuar a citar topicos, cada um melhor, seria fazer o indice completo das *Farpas*, esse monumento composto de fragmentos como o Digesto de Justiniano, e que como o Digesto será o código das gerações vindouras. Essa promessa lhe fez seu autor na carta a Sua Alteza e creio que é prophécia que se cumprirá, como se cumprio a que Horacio fez na sua ode dedicada a Mecenas.

Devremos attribuir essa robustez moral, como attribue Ortigão mesmo na sua introdução, á *Hygiene d'Alma*, á sua constituição physica verdadeiramente athletica?

Naturalmente. É por isso que é raro encontrar-se um litterato com as suas doutrinas de Ortigão. O exercicio demasiado das funções cerebraes, prejudicando extraordinariamente o physico faz com que, segundo Spencer, os homens de grande cultura intellectua, sejam quasi sempre á destituídos de vontade forte e de infatigavel actividade, qualidades devidas exclusivamente ao vigor physico. É a esse facto que é devido encontrar-se na litteratura uma série de contra-sensos, productos morbidos de talentos doentes. A litteratura sua, vigorosa, sensata, de idéas naturaes, essa é *rara-avis*.

Ramalho Ortigão conseguiu executar o principio de educação de Emerson «que todo o homem deve tratar de ser um bom animal,» principio pelo proprio Ortigão tantas vezes repetido.

Eis a que elle deve essa placidez inegualavel, essa tranquillidade realmente invejavel.

A elle se poderia applicar a descripção do varão forte de Horacio, que

*Si fractus illabatur orbis,
Impavidum serient ruinae*

No genero de R. Ortigão encontramos na litteratura franceza um escriptor notavel E. Courrier.

Purista na linguagem, defensor dos fracos, pamphletario, vehemente na expressão, virulento na critica, o Courrier o ascendente legitimo de R. Ortigão.

Mas Courrier não é impassivel como Ortigão. Courrier apaixonou-se muitas vezes.

A forma das obras de Courrier é o resultado do meio em que elle sempre esteve. Courrier é do povo e vive como do povo. Faz guarda no Daubio, sob o commando de Napoleão, até cahir exausto de fome e de fadigas; é arrastado aos tribunales correctionaes e condemnado como «vil pamphletario»; é plebeo, alimenta-se de pão com alho; é soldado e *vigneron*.

Ortigão foi criado com todas as comodidades de que dispõe a sociedade moderna; conhece profundamente, regaladamente e aprecia tudo quanto é fino, delicado e artistico — inclusivé a arte de B. Savarin. É do povo pela origem mas não é pelos gostos nem pelos instinctos.

A critica de Ortigão provoca franca risada e dispõe-nos a ter compaixão dos criticados. A critica de Courrier, tão espirituosa como a de Ortigão, é entretanto repassada do mar-gura. Ao ler Courrier rimo-nos, mas sentindo intenso e invensível odio contra o objecto da critica. Essa paixão é o lado fraco de Courrier, porque, como diz o barão de Feuchteleben, em sua *Hygiene d'Alma* (traducção do Ramalho Ortigão) o odio, como qualquer outra paixão, é o resultado de uma molestia mental.

Ortigão, narrando com toda a fidelidade, sem paixão, mas com justiça, os vicios da sociedade em que vive, terá, como Balzac, de quem muito se affasta no genero litterario, a gloria de ser o fiel historiadór da vida de um povo.

Com seu braço de athleta expoz aos olhos da humanidade Portugal—vivo e nu.

BLASIUS.

Com o Sr. C. de L.

« Meu caro Valentinim.

S. Paulo, 29 de Abril de 1887.

Por indicação do Abdon Milanez li hontem no *Jornal do Commercio* de 21 o *Microcosmo* do Sr. Carlos de Laet, onde este preloz folhetinista e distinctissimo molineiro responde a um artigo teu inserto no numero penultimo d' *A Semana*.

Já respondeste triumphantemente, pelo *Diario de Noticias*, ás objecções do Sr. Laet, mas nessa resposta não rebaste uma insinuação de erro de portuguez, que mez faz o possuidor do mais portentoso *cavatignac* das duas Americas.

É para tratar desso assumpto,—que, embora ligeiro, não deixa de ter importancia para mim,—que vou occupar agora a tua e a attenção dos leitores.

Como sabes, e como sabem todos os que por ventura minha costumam ler o que escrevo, eu, como escriptor, preso a lingua acima de todas as coisas, e se muitas vezes tenho errado, como mortal fallivel que sou, é por absoluta ignorancia e não por falta de cuidado no escrever ou de capricho e esmero no compor.

Esta vez, porém, quem errou, e errou deploravelmente, foi o Sr. Laet, professor de portuguez, e não eu, antigo caixeiro do Galois, como ensinou aos mundos o citado folhetinista do *Jornal*. Vamos á demonstração.

Diz o Sr. Laet:

« Protesta-se ainda que o mencionado proprietario é—honestissimo, sincero, intemerato (queria-se talvez dizer *destemido*), mas corajoso e audaz, etc.»

Elle, *maquillo* e cego dos que não querem ver, truncou o meu periodo, pois que se minhas as palavras aspasadas.

Eis o que eu escrevi a teu respeito, em o numero 95, na *Galeria do elogio mutuo*:

« Honestissimo, sincero, intemerato, mas corajoso e audaz, a sua penna purifica a suas suas bellas qualidades moraes e nos seus sentimentos, antes de imbebel-a no veneno da tinta para a polemica ou para a satyra.»

Quando chegou áquelle *intemerato*, sem mais exame nem sombra de analyse, disse o Sr. Laet com ares de velho mestre-escola tyrannico:—« Querias talvez dizer *destemido*. »

Pois está o meu grande inimigo litterario redondaente, quairadamente enganado.

Não so queria dizer *destemido*, não achor. Queris-se dizer—puro, lacrimpt, impolluto.

Quem ler com alguma attenção a phrase inteira vê logo com que má fé professor de portuguez me iucepa e que não commetti.

Como poderia eu, so houvesse escripto *destemido*, seguir este adjectivo da conjuncção *mas*, oppoído *corajoso e audaz*, que são synonymos?

Imaginemos a phrase como a imaginou o Sr. Laet:—« Honostissimo, sincero, *destemido*, mas corajoso e audaz... »

Seria clara e positivamente um disparate. *Destemido* mas corajoso—é o que só pôde caber na cabeça do Sr. Laet.

Companhantos agora a mesma phrase com um synonymo de *intemerato* na accepção castiga da palavra:—Honostissimo, sincero, *incorrupto*, mas corajoso e audaz.

Eis a phrase correctu, eis a phrase portugueza, eis a phrase com o sentido que eu lhe quiz dar e que ella perfectamente exprime.

Parece-me estar sufficientemente mostrada a má fé (não creio que ignorancia) do escriptor do *Microcosmo*.

O Sr. Laet sabe que o vocabulo *intemerato*, comquanto pouco commun tem andado por ahí a fingir de *destemido*, de *intrepido*, de *corajoso* e de *temerario*.

O Sr. Laet sabe-o; mas eu tam o sei, e por varias vezes tem sido meus nervos irritados pelo enprego roneo daquelle bella palavra.

Pura provar-lhe que tenho notado erro cito-lhe um facto expressivo. Lembro-me de que, na *Gazeta de Noticias* de 22 ou 23 de Fevereiro, em uma noticia do carnaval da vespera, vem o vocabulo com a significação errada em phrase assim mais ou menos composta:—« Alguns mascarar intemeratos atreveram-se a apparecer nas ruas etc.»

Cito de memoria, porque aqui em S. Paulo fallece-me nua collecção de *Gazeta*, que nem a propria bibliotheca da Academia possui.

Se me não engano, Luiz Guimarães na primeira edição dos seus *Sonetos e Rimas*, tambem usa erradamente mesmo adjectivo, na bella poesia *morte da aguia*.

Não o affirmo, entretanto, por não ter sido possível encontrar a referida edição do poeta.

Em uns versos—*Na morte de uma criança*—feitos por mim nesta cidade 27 de Março deste anno (um mez antes da observação do Sr. Laet), publico no *Diario Mercantil* de 3 de Abril, e transcriptos depois n' *A Semana* de 5, em que o vocabulo nesta quadra: « Vida sem nodoa, intemerata, pura. Nem podeste ser inelyto ou cobardo. E nem ficaste á espera da voutura. Que nunca chega, ou chega muito tarde »

Lá está no primeiro verso o *intemerato*, na accepção de incorrupto, de imaculado, de impolluto.

Com estas linhas, escriptas á pressa parece-me lavor claramente demonstrado que conheço bem a palavra e seu valor.

Fica, portanto, provado—ou que o Sr. Laet não soube o que leu, ou que quiz atirar mais uma das suas comadas *moimas*, adulterando o meu escripto, mas adulterando de uma maneira indigna de um escriptor vernaculo e ainda mais indigna de um professor de portuguez.

FILINTO DE ALMEIDA.

A GRÈVE DOS FERREIROS

(FRANÇOIS COPPÉE)

Traduzida expressamente para ser recitada pelo distinto actor José Simões Nunes Borges

Meus Juizes, escutae, a minha historia é breve. Ella: Tinha-se erguido os ferreiros em greve... Stavam no seu dirello, o inverno é duro; enfim o bairro tinha fome, estava exhausto; assim sabbado á tarde, enquanto o salario era pago, lovaram-me de braço e quasi com afago, á taberna, onde fui, a beber, encontrar os collegas, que já recusai dilatar. Diseram-me:

— Tio João, o alento já nos falha, ou augmentam a puga ou ninguém mais trabalha. Exploram-nos, já basta. Escolhem-vos, João, p'ra irles prevenir, sem colera, o patrão que, ee nos não augmenta os miseros salarios, n'contar de amanhã, para nós operarios serdo domingos sempre os dias. Ireis? — Sim.

Agradeço-vos bem terdes pensado em mim, e praza nos céus que eu seja util nos camaradas.

Meu presidente, eu não fiz nunca barricadas. Sou pacifico, vslho o desconfio então dos cacacas, por quem se dispara o canhão. Recusar não devia, accetei a incumbencia e fui ter co'o patrão, sereno na apparencia. Achi-o ainda á mesa, — acabava o jantar. Conte-lhe o nosso aperto, o medonho lutar com o preço do pão e a renda que amsdronta; disse estarmos sem forza, exangues, fiz a conta entre o seu ganho e o nosso, e acabei por dizer que elle, ssin se arruinar, nos podia attender. Escutou-me, a quebrar nozes tranquillamente, e disse-me depois: Tio João, eis certamente honesto, e os que hoje aqui vos mandaram tambem sabiam que valor tem um homem de bem. P'ra vós sempre terei logar na ferraria... ss as férias augmentassem, em breve ou falliria sem rmissão. Oavi: Ficho a forja smabã. Os turbulentos são uns validos, e é vã a ameaça da greve, nada mais vos digo. — Eu só respondi: Bom, Senhor.

Sshi, commigo levando a desesperança, n' angustiosa dor o aco' amigos contai o que ouvira. Que horror! Foi medonho o tumulto! Infrene a vozaria! Juraram de não mais entrar na ferraria e eu... tambem jurei co'os mais antigos — eu!

Mais de um, á tarde, o olhar de pranto humedeceu, n' lançar sobre a mesa o miagnão salario, o não pouds sorrir; a noite, solitario, passou em sobresalto, angustiado a pensar quanto tempo estaria ocioso, sem ganhar, obrigado ao jejum, sem conforto s' conselho. P'ra mim foi muito duro o golpe; é que eu sou vslho e não 'stou só no mundo. Em casa, quando entrei, os dois netinhos meus sobre os joelhos sentei; (morrou de parto a filha, e o genco transviou-se) e fiquei pensativo, ao ver o riso doce des boquinhas gentis, que adoro s' que la ver choias de foms em brsve; e senti, podeis crer, vergonha do meu triste e insano juramento. Entrs nós quem jurou não vacilla um momento, e n'esse instante mesmo, a jura repeti; n'isto, entrar minha santa e velha esposa eu vi, vergando ao peso atroz da roupa que lavava, a contoi-lhs n' tremor tudo o que se passara. Não snbia zangar-se aquelle coração. Ficou por muito tempo, olhos fitos no chão, immovel, mas depois respondeu:

— Pobre amigo! Sabes que economiso e vés o que consigo. Farei, pois, meu dever; não ouvirás meus ais; mas... nos só temos pão p'ra quinze dias mais. — Talvez se arranje tudo, eu repliquei sorrindo, sabendo bem que só perjurarão, trahindo, voltaria ao trabalho, e que sem pena ou dor, para manter mais tempo a grève, do traidor era igual o castigo ao vil procedimento.

A miseria chegou! Que lucha! Que tormento!

Sabei que da desgraça a mais negra afflicção nunca faria que eu me tornasse um ladrão,

que se de em tal pensar, de vergonha morrerá. Eu não pretendo aqui dizer que bem p'lera levar em conta o Juro, ao desesparado, o horror de ver no proprio olhar a sua propria dor; noite e dia, sem ter uma idea enxada, mas, em pleno rigor de uma estação gelada, minha velha honradez via, Senhor dos Céus! a minha companheira e os dois netinhos meus. Tremor de frio ao pé do lar, sempre sem lenha! E entre o pranto da esposa, e a voz fraca e rouquenha da infancia, (grupo ideal que o inverno enregelou por este crucifixo) o juro, não passou um momento sem, por minha escura mente, a idea má, da agua furtiva, em que, vilmente, suffocad, o pulsar febril do coração, a alma estremece, o olhar espreita e rouba a mão.

All se me curvo aqui, ante vós. Se se chora minh'alma, é que os revejs, aquelles que ainda agora évoquei, e por quem eu fiz tudo o que fiz. Principamos, pois, sem dobrar a cerviz, comenlo so pão secco e os moveis empenhamlo. Quanto soffri, meu Deus! que tormento excreando! O quarto é para nós uma jaula sem luz... Não sabemos liar em casa: apos transpuz os muros da prisão fria, lobrega, triste; e, entre as duzas, nem sei que differença existe. E' tortura cruel não poder trabalhar, e, a forçada inacção faz-nos verificar que a forja é o nosso amor, que a sua abraçadora atmospherá de fogo e ferro nos vigora.

Quinze dias depois não havia um vintem! Eu passára esse tempo em infimal vae-vem, a andar, avante e so por entre a turba vaga. O ruído da cidade adormece e embriaga mais que o alcool, illude á hedonista fome. Assim, quando uma vez entrei em casa, era no fim de uma tarde brumosa e fria de Dezembro, vi tritando a um canto a esposa (em cada membro senti frio) aquecendo ao exhumato peito seu os netos, e pensei: «O assassino sou eu!» Disse-me a velha então, com voz doce e confusa: — O Monte de Socorro, amigo, hoje recusa como imprestavel já o dinheiro do chibão? Onde iras tu, meu velho, agora, a encontrar pão? — Von, respondi com febre, que a dor não raciocina, e resolvei voltar outra vez á officina; mas suspeitando já não poder alcançar licença, fui primeiro á taberna, ao logar onde sabia achar os co'os da greve. Entrou lá abi julgando enfiar; não se descreve a minha dor, ao ver que bebiam ali, enquanto outros de fome expiravam! Senti profundo horror e nojo. Os que o vinho pagavam e que o uosso martyrio, alegres, prolongavam, oigan inda estragados um vslho a maldição. Cheguei-me aos bebedores; elles viram então que eu tinha a fronte baixa e os olhos como fogo e o que eu lá fazer comprehendem leram-me o logar. Pálidos, os: «Venho aqui, só para vos dizer que sou co'agenario, e assim minha mulher; que, q'as, bem sabeis, dois ustinhos a cargo, e que a agua furtiva, em que estamos a largo por não sendo sumpenhado, ha muito não ha pão. Um facto no hospital, depois da morte do snhão é do ferreiro a sorte e acceto-a; mas a esposa e os netos que ilolatro, isso é uma outra coisa! Resolvi, pois, voltar para a forja; é de mais o que soffro; mas quero antes que o permittaes, que não possam de mim madizer, nem de isve! Tenho negras as mãos, os cabellos de neve, e sou ferreiro ha já quarenta annos. Por dó, deixae quiz reconheca a trabalhar, eu só! Quiz mendigar; não pude, a minha muita idade desculpa-me. E' vergonha immensa, na verdade, quando se tem na frente o sulco que alli faz o incessante esforçar do malho e da tenaz, estender n' quem passa a mão, toda robusta! De mãos postas supplico; é uma cousa bem justa que seja o mais antigo o primeiro a quebrar. A' ferraria, irmãos, deixae-me pois voltar.»

O que pensae? Iizisi... que a resposta não tarda... Um camthou p'ra mim e disse-me:

— Cobarde! O coração senti gelar-se-me; coquei co'o sangue que snbia; apos quiz ver... olhei. Era um rapaz robusto e livido ao reflexo das luzes, um D. Juan réis do bello sexo, que nas fontes usava uns grandes caracões; ria ironicamente; os olhos, uns pharões, fixava em mim, e tudo em volta era silente. Sentia o coração pulsar violentamente... De subito apertei as mãos á fronte...

— Bem; a mulher morrera, os pequenos tambem; disse eu, e nunca mais, trabalharei; mas juro que tu me vass pagar este insulto tão dur: Combateremos como os burgozes, e já! Em que logar? Aqui? E a arma qual sera? Será, por Deus, o forte, reforçado malho mais leve para nós nas horas do trabalho do que a espada ou a penna; e agora, ouvi-me vós, companheiros leaes, deixae-nos livres, sóis! Fazei silencio em toda, é mortil o combate, a injuria pelo sangue, é preciso que eu minto ou morra. Ide buscar dois martellos, dos bons; d'aquelles que, ao cahir, têm tão valentes sons que ensurdeceem. E tu, insultador de velhos, despe a blusa, n' causa e, curvando os joelhos, encomenda-te n' Deus; depois cospe na mão. Enfurceido, ubri caminho, á força; então fui escolher, febril, entre outros instrumentos esquecidos ali, dois malhos ferrugentos e comparando-os bem, atirei o melbor, o mais pezado e forte, no meu vil offensor, que continuava a rir, mas por ser prevenido, acceteu o martello e disse: constrangulo. — Meu vslho, vamos lá, não te faças de máa. — Em resposta, avancei contra o torpe marau, sentindo que o magoava o meu olhar honesto, fazulo voltear, com odio manifesto, acima da cabeça, o martello fatal. Nunca vira expressio mais indigna e beatial no olhar do cão que o dono a chicote fustiga; tinha na fixidez do supplicante olhar. Eito a trmer do modo e sempre a recuar, até parar de encontro ao muro da taberna... Era tarde, ai de mim, negra tomeata interna entre mim e esse... verme immovel de terror estendera uma bruma ensanguantada. Horror!

Eu de um só golpe! — um só! — esmiçalhei-lhe o crâneo!

Eu sei bem que matei num delirio instantaneo e não quero, entendes? que sophismem a lei, e appellem d'elle to que eu proclamarei simples assassinato.

E elle, morto, perdendo o cerebro a meus pés... pensae... que quadro horrendo! O remorso infinito e negro de Cain chumbou-me os pés ao chão. Cubri o rosto; a mim multos de commoção, todos se aproximaram, e, querendo agarrar-me, a meio não tocaram. Afastei-os com um gesto, e disse sem tremer: — Podis deixar-me, que su condenno-me a morrer! Comprenderam-me. Então, como alguem que pedisse para os pobres, tirei o meu bonet e disse: — Esmola para a esposa e os netos! Gireneli, e pule reunir dez francos, que mandei por um velho. E entreguei-mo á Justiça severa.

Senhores! Eis aqui, em linguagem sincera, a historia de meu crime, e bem podeis então desprezar o que os meus advogados dirão. Se vos danciei, narrando o meu terrivel acto com tanta minudencia e p'ra provar que um facto tem causa muita vez, n'um concurso fatal de circumstancias. Hoje habitam no hospital, onde expirou de dor a minha companheira, os netinhos, por quem me era doce a canceira. Por isso, venha, embora, ou lugubre prisão ou aviltantes galés e até mesmo... o cuidado; seja enfim como for, já me não dá cuidado... Maa... se a vossa sentença é de morte... obrigado!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

A PLÉBE (·)

(LECONTE DE LISLE)

— Como um rei anim-l, sujo de sangue e poesia,
Corrente ao collo, uijando ao ardor do verão —
Arraste quem quiser seu triste coração
No pé da tua praça, ó plebe carniceira!

Para em teu duro olhar pôr um fatuo clarão,
Fé'a mendigar-te ou ris; ou compaixão grosseira,
Rasgue as vestes de luz a turba, interessada,
De álcino pudor, do gozo e da paixão.

Dera embora abysmar-me a negra eternidade
Em meu orgulho mudo e na morte — não ha de
Minh'alma te vender seus sonhos ou seu má;

Não te lerei a vida ás arruaças brutas;
E nas densas nunca em teu palao banal
Com os teus histriões e as tuas prostitutas!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio, 30 de Abril de 1837.

(·) No livro *Poèmes barbares*, d'onde foi traduzido, figura este soneto com o título *Les monstres*, que não tem, segundo julgo, correspondente acceptavel em vernaculo.

N. do T.

Discurso de Leconte de Lisle

AO TOMAR ASSENTO NA ACADEMIA FRANCESA COMO SUCCESSOR DE VICTOR-HUGO

SENHORES — Convidando-me para succeder entre vós ao Poeta immortal cujo genio illustrou para sempre a França, o decimo nono seculo, vós me deis uma honra tão grande quanto inesperada. Entretanto ao sentimento de vobis gratidão que experimento se mistura uma apprehensão legitima em presença da temivel tarefa que vossos benevolos suffragios me impuseram. Devo lembrar-vos de um homem unico entre todos, de um homem que, durante sessenta annos, deslumbrou, irritou, entusiasmou, apaixonou as intelligencias; cuja obra immensa, de dia a dia mais numerosa e brilhante, não tem equal, no que a caracteriza, em nenhuma litteratura antiga ou moderna, e que restituiu á poesia franceza, com mais opulencia, vigor e exactidão, as qualidades lyricas que ella ha mais de dous seculos perdida. Minha profunda admiração, Sapphira, espero, a fraqueza de minhas palavras.

Senhoras, o advento de um homem de genio, da um grande poeta, sobre tudo, nunca é um facto espontaneo sem relações com o trabalho intellectual anterior, e se por vezes acontece que a Poesia, esta revelação do Bello na natureza e nas concepções humanas, se manifesta mais subita, mais alta e magnifica entre homens rarissimos e igualmente veneraveis, uma communhão latente nem por isso liga menos, atravez das edades, os espiritos em apparencia os mais diversos, respeitanto o caracter original de cada um delles. Se a natureza obedece ás leis inavioaveis que a regem, a intelligencia tem tambem as suas que a governam e a dirigem. A historia da Poesia corresponde á das phases sociaes, á dos acontecimentos politicos e á das idéias religiosas; ella exprime o seu fundo mysterioso e a sua vida superior; ella é, verdadeiramente, a historia eagrada do pensamento humano em seu desabrochamento de luz e de harmonias.

Nas épocas longuissimas em que os sonhos, os terrores, as paixões vigorosas das raças jovens e puras brotam confusamente em legendas cheias de amor ou de odios, da exaltação mystica ou heroica, em narrações terribes ou encantadoras, alegres como as risadas das crianças ou sombrias como uma colera de barbaro, fluctuando, sem formas precisas ainda, de geração em geração, de alma em alma e de bocca em bocca; nestes tempos de florecencia maravilhosa, homens symbolicos são creados pela imaginação da todo um povo, vastos espiritos em que os germens esparsos do genio commun, se reúnem e se condensam em theogonias e em epopéas. A humanidade conside-

ra-os reveladores antigos do Bello e immortalisa os nomes de Homero e de Valmiki. E a humanidade tem razão, porque todos os elementos da Poesia universal estão contidos nestes poemas sublimes que não serão nunca esquecidos.

Os grandes homens de raça homérica, Eschylo, Sophocles, Euripides, inauguram cada, para eterna honra da Hellade, o reinado dos genios individuaes.

Após os negros annos da idade media, annos de abominavel barbaria, que levaram no amuillamento quasi total riquezas intellectuaes herdadas da antiguidade, aviltando os espiritos pela recrudescencia das mais ineptas superstições, pela atrocidade dos costumes e pela tyrannia sanguinolenta do fanatismo religioso, nossa plebe franceza, no seculo dezesseis da era moderna tenta, com brillantissimo um renascimento de obras poeticas. Ella se interessa pelas antigas epopéas primas, as estuda e as imita; imita os rythmos encantadores: porém sua lingua está por fazer, falta-lhe o tempo para concluir essa tarefa, e acontece que os espiritos, avidos de uma disciplina commun, impoem-se sobre as estroas tagias, frequentemente arbitrarías, ou que elles têm como empenho de honra não infringir. A época organica da nossa litteratura se abre então, certamente muito notavel pela ordem e pela clareza, porém refractaria em muitos pontos á independencia legitima da intelligencia, como ás formas novas que são a expressão necessaria das concepções originaes. Parece que tudo já foi pensado e dito, a que não resta aos poetas futuros senão repetir incessantemente o mesmo conjunto de idéias e de sentimentos em uma lingua de mais em mais enfraquecida, banal e descolorida. Eufin, senhores, esta lethargia lyricade dous seculos succede um regresso irresistivel para as fontes de toda a verdadeira poesia, para o sentimento da natureza esquecida, desdenhada ou incompreendida, para a perfeita concordancia da expressão com o pensamento, que não é em si senão uma palavra interior, e a renascença intellectual fugie e dá vida á arte suprema.

Eis porque a renovação entusiasmica, de que Victor Hugo foi, senão o unico iniciador, ao menos o mais polemico e o mais fecundo, era inevitavel e devia a muitas causas diversas.

Victor Hugo nasceu, senhores, no momento em que o nosso paiz, que acabava de proclamar a libertação do mundo, entregava-se em sua lassidão ao homem extraordinario e nefasto, deitado hoje sob a cupula dos invalidos e que ia espalhar por sua vez, quer quizesse quer não, as idéias revolucionarias atravez da Europa duplamente conquistada. O Poeta, cuja alma continha virtualmente tantas symphonias multiplex e sempre soberbas, cresceu ao ruido retumbante das batalhas épicas e das victorias cuja recordação o acompanhava todo a sua vida, inspirando-lhe admiraveis versos; ao passo que o acordar das idéias religiosas, sob a forma de uma resurreição pittoresca do catholicismo, de um lado e, do outro, de uma poesia mais sentimental que dogmatica, suscitava nelle a admiração das maravilhas architectonicas da idade media e o gosto inconsciente da monarchia restaurada.

Aos vinte annos, Victor Hugo acreditou-se realista e catholic; porém a natureza de seu proprio genio não tardou a dissipar estas illusões da sua mocidade. O ardente defensor das aspirações modernas, o evocador da Republica universal já existia latente na criança que anathematizava a um tempo, em 1822, a Revolução e o Imperio a cantava a raça real que voltava ao paiz na retaguarda do estrangeiro victorioso. Destinado como era para encarnar da alguma eorte a consciencia agitada de seu seculo, para ser o symbolo vivo, o clarim de ouro das idéias ondeantes, das esperanças, das paixões, das transformações successivas do espirito contemporaneo, elle devia, com a mesma sinceridade e o mesmo fervor, desenvolver seus maravilhosos dons lyricos desuas primeiras odes aos seus ultimos poemas, por uma ascensão sempre mais alta e mais brilhante.

Quaesquer que sejam, no entanto, as causas, as razões, as influencias que modificaram o seu pensamento, com quanto elle se tenha envolvido ardentemente nas lutas politicas e nas reivindicações sociaes, Victor Hugo é antes de tudo e sobretudo um grande e

enblimo poeta, isto é, um irreprehensivel artista, porque os dous terminos são necessariamente identicos. Elle soube transmutar a substancia de tudo em substancia poetica, o que é a condicao expressa e primitiva da arte, unico meio de fugir ao difactisimo rimado—esta negação absoluta de toda a poesia; forjou, durante sessenta annos, versos de ouro sobre uma bigorna de bronze: toda a sua vida foi um canto multiplo e sonoro onde todas as paixões, todos os carinhos, todas as sensações, todas as coleras generosas que tem agitado, emocionado, atravossando a alma humana no decurso deste seculo, encontraram uma expressão soberana.

Sujeito, ninda ás formulas pseudo-classicas, em seus primeiros trabalhos de 1822, Victor Hugo transformou completamente sua lingua, seu estylo e a fatura de seus versos em suas segundas odes e sobretudo nas *Orientaes*. Sem duvida estava nelle o Oriente tal como elle pedia ser concebido naquella época, e ainda menos o Oriente do que a Hespanha ou a Grecia, lutando heroicamente pela sua independencia; porém, estes bellos versos tão novos e tão cheios de luz, foram para toda a proxima geração uma revelação da verdadeira Poesia.

Não me posso lembrar, sem profundo sentimento de gratidão, a impressão subita que eu senti, ainda moço, quando li aquelle livro sobre as montanhas da minha terra natal, quando gosei a visão de um mundo cheio de luz, quando admirei esta riqueza de imagens tão novas e tão arrojadas, este movimento lyric irresistivel, esta lingua precisa e sonora. Foi como uma immensa e brusca claridade illuminando o mar, as montanhas, os bosques, a natureza de meu paiz, cuja belleza e cujo estranho encanto eu até então apenas havia entrevisto nas sensações confusas e inconscientes da infancia.

Todavia, senhores, a impressão produzida sobre a imaginação virgem de um jovem selvagem, vivendo no meio dos esplendores da poesia natural, não podia ser unanimemente reasentida em uma época e em um paiz onde as velhas tradições de uma rhetorica esgotada domidavam ainda. O prefacio de *Cromwell*, o celebre manifesto da Escola romantica, excitou violentas hostilidades que as *Orientaes* não desarmaram; porque nenhum poeta foi mais atacado, mais insultado, mais negado que Victor Hugo. E' facto que estas diatribes e estas negações não o fizeram nunca reatuar ou desviar-se um passo do seu caminho. Era um espirito intairo e resolutto, daquellas, rarissimos, que tallame determinam o seu destino de accordo com a sua vontade e sobre os quaes os obices e as objecções, nada lhes podendo ensinar e em nada modificá-os, apenas produzem o espanto ou a indifferença. Assim foi que o applauso que sou-lou a apparição das *Folhas do Outunno*, explica-se menos pela belleza da obra que pelo caracter intimo, familiar, elegiaco, de uma poesia facilmente accessivel ao publico e á critica. Por sua parte os *Cantos do Crepusculo*, as *Vozes Interiores*, os *Raios e Sombras* foram acolhidos primeiro por uma confusão de elogios calorosos, concedidos, como de habito, á parte sentimental destes bellos livros, e depois por censuras feitas aquella em que as impressões do coração eram supplantadas pela emoção intellectual.

Isso era, aliás, inevitavel: porque se em França são admittidos facilmente, como artigos de fé, certos apophtegmas, decisivos em razão da sua propria banalidade, sem que ninguém se lembre de lhes estudar o verdadeiro valor, taes como: « a poesia é um grito do coração », « o genio reside todo inteiro no coração », ainda mais facilmente se esquece que o uso profissional e immoderado das lagrimas offende o pulor dos sentimentos mais sagrados. Mas Victor Hugo é um genio masculino que nunca sacrificou a dignidade da arte ao sensibilibismo do vulgo. A emoção que ella nos dá penetra a alma e não a enerva. Para melhor nos convencermos desta verdade, basta lembrar que os *Chatiments*, as *Contemplações*, a *Legende des Siècles* nos vieram do fundo do exilio.

(Conclue no proximo numero).

Trad. de ALFREDO DE SOUZA.

MYRRA (·)

(A LUÍZ MURAT)

Nossa villa ao meu intimo suggera
O episodio da pagina dantesca;
E's dolente e peilide Francesca
Que os seus cantos de amor, triste deslore.

Possues como a heroína de Alighiere
Uma alta belleza principesca;
E's nervosa, vibrante e romanesca
E só te falta um pouco o «savoir faire»...

Por isso, ao ver-te a só, contemplativa,
O Dante aberto ao collo, sci-mativu,
Nos profundos crepusculos da tarde,

Eu sinto que me onça este dilemma:
— Ou plagiar o magico poema,
Ou morrer eos teus pés como um cobarde;

ADELINO FONTOURA.

(·) A 3 do corrente completaram-se quatro annos que falleceu em Lisboa o infeliz e talentoso moço actor deste e de tantos outros formosos trabalhos.

N. DA R.

BELLAS ARTES

REVISTA MENSAL

Ha pouco tempo o Sr. Emygdio Monteiro falando, nesta folha, sobre a ultima exposição realisada em Lisboa pelo celebre «Grupo do Leão» citou o nome da Exma. Sra. D. Bertha Ortigão como uma das mais felizes promessas da arte contemporanea portugueza.

Em boa hora lembrou-se o distincto escriptor lisbonense, de nos dar conhecimento de tão sympathetic nome. A Sra. D. Bertha é uma artista do fina tempera, elucada por um paiz que tem da vida moderna o mais firme e claro conhecimento. Os tres estudos que se acham expostos na Casa Vieitas são provas exuberantes de grande talento e genio artistico. O estudo da natureza morta (uma mesa entalhada; peixes em um prato, uma garrafa de crystal com Buccolis, um calice verde, um cantaro e o puraco de molho) é pintado com um gosto fora do vulgar, numa tonalidade severa e sympathica. *Os gatos*, tres milhafreos gordos, victoriosos caçadores nocturnos, dextros policias dos mantimentos, ali estão reunidos em cima de uma mesa como no alto de um throno. *Van!* E' admiravel o grupo. Admiravel e de difficil execução. Mas o que ferio a minha sensibilidade de artista—pobre—diabo, o que maior sympathia me despertou, foi aquella pequeninha paisagem, manchada despretenciosamente, e copiada com um fino sentimento de expressão. E' um canto de casa, na provincia ou no arrabalde. Ao fundo a massa verde e abundante de uma cõpa de arvore. Na frente do quadro estende-se o paredão da antiga escadaria de lage, carcomida pelo tempo. Nesse momento chega uma visita, visita intima, um pobre rapariga da visinhança, escoreta no seu vestidinho barato, o busto rachitico envolto no chale escuro, a cabecinha resguardada por um chapéo de palha, modesto e util. Ninguém a vem receber. Sob e empurra o batente do portão de madeira, brochado, a verde claro. Lá para o interior ha um grande mysterio de arvores; ha de ser o pateo em que o fallecido chafe desse vasto solar, vinha todas as manhãs cuidar de suas rozeiras e vor o crescimento de seus ricos cravos vermelhos. Ainda hoje ha flores nessa vivenda; por traz do muro, esportia para o cõo pallido a rama de um arbusto florido.

Tudo isto, pequenino e manchado rapidamente, de uma só vez, tem uma expressão alegre, e tranquilla.

Oh! a Sra. D. Bertha sentte bem a paisagem, vê com a subtileza dos bons artistas o aspecto caracteristico da natureza. Perfeitamente, perfeitamente bem.

Na mesma casa estão expostos:— paisagem— pelo Exma. Sra. D. Abigail de Andrade e pelo Sr. Franço Junior, retratos á penna por Antonio do Valle, uma palheta por Decio Villares e um retrato por Pedro Peres.

As praizagens da Sra. D. Abigail são rigorosamente acobertas. Os funes, os effeitos de luz, os detalhes foram executados com notavel cuidado e, sobre isto, a tonalidade é agradável.

O Sr. França Junior é quem progrida a olhos vistos. Ha dois annos passados era um pequeno Grimm. Gabe notr aqui que a profecia allucina é um pelego de gigante, (mas não é alto, um pelego pela ser uma parte ou um tempo) membrudo, sério, olhos azues, barba louras e longas; pisa como um soldado e anda como um peixeiro portuguez. França Junior era um Grimm adunado, tímido, cuidadoso com os attilhos de seta dos sapatos de verniz. Um dia deixou do parte o Grimm que o nascera. Desse dia em diante desappareceram de seus estudos o creio e cincuenta por cento e todos os verbos que as fabricas produzem de mais verie. Com os estudos feitos em Lumbary revolou-se outro artista, sendo muito forte, pelo menos venlo por si, observando por sua livre vontade, sentindo sóinho as impressões da natureza, que formam um principio de personalidade. Os seus quadros que ora expoe são pintados com largueza e requizito. Um d'elles, o maior, representa um trecho de estrada, tendo no primeiro plano, á esquerda, um muro mosqueado de limo, á direita um paredão que dá para um corrego. Os logares têm muita variedade, quer em luz, quer em perspectiva aerea, e não meos observadas foram as manchas verdes dos planos inferiores que se succedem gradativamente nuna gamma feliz e bem estudada. Os primeiros planos agralham immenso pelo relevo das massas de arvore, pela felicidade com que foi estudado o muro do plano esquerdo, e, sobretudo, pela vida que ali existe, devida em parte, nasim creio, á figurinha que, de costas para a frente da teln, se debruça ao paredão.

Do Sr. Antonio do Valle, do gordo Valle que ontremuitaafelicidade conta a de ser irmão do Silva Pinto, ha quatro magníficos retratos á penna. Do Sr. Decio Villares nuna pallota (phantasia) pintada com aquelle chic que forma a sua nota individual, e do Sr. Pedro Perez um bom retrato da menina L...

Outra exposição digna de attenção foi a de Caron, realisada, ha tempos, na Casa de Wilde. Eram quatorze estudos que prometiam um artista de primeira ordem.

Caron desde que se acha em França, estudando com o celebre Hanotenu, tem sido laboriosissimo. Os seus estudos, apesar de pequenas vacillações, aliás explicaveis, attestam rap dos progressos. Dois desses estudos ultimamente expostos, sem tirar o merecimento dos restantes, dão duas telas muito boas. Um representa um canto de lago; é um excellento estudo de manchas e aguas, executado com feliz impressão de cor e de forma. Outro, maior pelas dimensões, é a vista de uma herdade, tirada num sereno dia azul. A plantação que vae do primeiro plano ao fundo, é pintada com fiel observação da natureza e as sombras projectadas pelas duas unicas arvores que ali existem são de magnifico effeito. No horizonte vasta e claro, executado com a mesma facilidade que as primeiras partes, brillam as paredes e os telhados das habitações, surgindo desse modo, para o oco, alegremente, a agulha de noia torre.

Quem, em tão pouco tempo de aprendizagem, consegue pintar desta maneira, prova que muito longe não está a época em que o seu nome seja uma bella realidade na arte do seu paiz.

ALFREDO PALRETA.

EXHUMAÇÃO

A EZEQUIEL FREIRE

Já de melados para fins de 1874,—ha, pois, treze annos, ó tempo voador! —chegava a S. Paulo Ezequiel Freire. Era ali bem pouco conhecido; eu mesmo, que sempre acompanhava a produção dos rapazes do meu tempo, npenaa lera d'aquelle umas duas ou tres composições avulsas, ou Mosquito;

mas havia a favor do Ezequiel uma troinheta infatigavel em apograr-lhe o raro merito original, o culto do brezilismo nos seus primeiros versos. Dou um loce, dois d'esses, uma confetaria meira a quem for capaz de já njuine dizer quem era o prezeiro... Era o Luz, o grande, e individual rapaz, que nio era somente um romantista paulista, mas tambem um coraçáo necessivel á boa poesia. Seria por isso, ou por estourar nado menos pitonica —o Luz, como o Ezequiel, era de Rezende.

Vio-me Ezequiel Freire apresentado por Manoel Carneiro, com quem eu fizera a melhor amizade de quando sahi da redacção da Republica para o Mosquito. Tres dias depois que nos encontramos, a primeira vez, no café Lévy,—se não os dias d'ora,—eram os companheiros de casa, na republica da Gloria, de que elle fallou no seu artigo; e d'alli, para prova da rapia, mas completa amizade, respondi-lhe os dois á critica de Manoel Carneiro, com outra em que eu e tu n' de nós alternadamente escrevia.

N'aquelle casarão amarello do bairro da Gloria, que deffintava com o sobrado celebre onde morara o Alvaros de Azavele e que então albergava o conselheiro Furtado, de politica e da cadeira de Administrativa,—naquelle chacara burgueza do respeitavel Sr. Tolles, correram-me lras os mais formosos da vida d'esta vida.

Escrevi aos (nó o Ezequiel, que nunca, a penna nua, foi republicano; e muita vez, até, o seu ar mophico, de myope espirituoso, embornado e aqua fria nos meus estudos civicos), escrevimos, eu e alguns outros, cujos nomes tenho a prulente delicadeza de não recordar aqui, a minha radical, de rubro republicanismo, chamada O Rebate.

De manhã, o banho frio, no quintal, ao lado do poço; e mais d'um criado, que não podia com o serviço de dar á bomba tãa cedo e com aquelles frios de maio e junho, foi estocicamente sacrificado ao meu banho, mostrando-se-lhe a porta da rua.

Depois do almoço, para encher tempo, as aulas de direito publico e de direito ecclesiastico, ou lo faziamos proffissões de fe prou bonnianas ou pregavamos rabos de papel á infallibilidade do papn.—Não tinha o Ezequiel, que nesse tempo dava conta dos ultimos preparatorios.—

A tarde, na rua, em frente da chacara, jogavamos a malha até o anoitecer, sob os olhos amistos de uns vizinhos que todos nos conjuntamente namoravamos.—Desta plural agora não exceptuo o meu Ezequiel, que era um namorado insaciavel de encontros... (Sempre me bei de lembrar, com intimos sorrisos, dos esportes que elle applicava para converter-me ao dandyismo,—a mim, que fui tola a vida, desde menino e rapaz, um urso reverso ás elegancias do vestuario! Que sabias conselhos andaste a perler commigo meu sabio Mentor! e tu resististe sem osorço nem merito, tal qual, salvo o anachronismo nos termos, um espartano, comedor de brã e cillo negro, a quem um parizense d'boje quizesse ragular com as exquisições cultuarias do Café Riche.)

É a noite? A noite (pódem continuar a lér as meninas solteiras e a digna esposa do meu amigo), a noite conversavamos de litteratura e esperanças, castellos encantados, familia e gloria, amor e liberdade... Ou então, depois de colloquios suggestivos ou de inspiradores passeios pela várzea afora, ao crepusculo saudoso, recolbia cala um ao seu quarto e á sua mesa, para confabular com as musas, ao mudo escandalo dos compendios.

Fui fuit ista quondam in hac republica virtus...

Foi na republica da Gloria, como o Ezequiel já escreven, em phrases que me levotaram um fuudo da memoria nuna revoadade saudadas, foi lá que escrevemos aquelleas afortunados versos (mais ditosos que afamados) do Duo de amor, tão felizes que foram transcritos por Machado de Assis na Semana Illustrada, e elogiados depois, em palestra commigo, por Joaquim Serra.

Não sei se o Ezequiel ainda se recorda bem da noite tempestuosa, fatal, rromantica, noite-na-taverna, que succedeu proximaente á confecção d'aquelle

boa partilha poetica, e que nella se originou... Eu, por mim, não me hei de esquecer nunca da grande toca de cogne vil, abenlo carnica, com que abafei a mus fulminante e desgraçada das minhas paixoes da adolescencia...

Nessa madrugada da festa, entre lagrimas e colicas d'atestinos, contive a uma luzia letiras de papel nua estirada elegantem presa, em que se conclua d'esperança e castro para sempre los sonhos da mocidade, com um mysterioso de Chatterton e a maligna intenção de matar lo remorsos crás a Kitty Bell-tradora que me vertera o desespero n'ultima e cognac viscora.

Já minha nascente, e sem entender as surras de crystallinas que dos beirões da casa me piscavam as canchirras a fragoras e honestas, pegnei d'aquelle prosa cralato, enapeia nuna carta mortalmente triste, e li enviada para a Carta ao meu grande amigo Ferreira de Menezes, para que o impuzesse ás leituras de sua belliosa Semana, no Jornal do Commercio. O hainge folhetinista deixou-me inclito e o feroz ministro me teve a piedade de nunca mais em tempo algum me fallar em semelhante asseio.

Se Deus lhe dá, levou a credito esta boceação, ha grande erro na conta celeste abarta a Ferreira de Menezes!

Com a fragilidade de todas as construccões d'aquelle edada,—de que se á recordação parece que são eterno bronzes,—a republica dispersou-se a todos os ventos do acaso; eu fui, com outro, morar para o largo de Santa Ephigenia; Ezequiel seguiu diverso rumo. Entraram as brãs, e durante ellas sorprende-me nuna carta do meu amigo participando-me o seu casamento. Casou e ainda está lante de preparatorios, e scalo fez tola o curso.

Outras boas lembranças desse tempo, são para mim as visitas á casa da familia de Ezequiel, na Cas dação, ali, eu isolado de todos os meus, ia passar serões e domingos, e voltava para o meu quarto solitario com uma grande inveja lo meu amigo que já encontrara como diz Hercutano, a estreita polar de sua existencia... quando brillaria a minha?... e de uma vez, no meu folhetim lo lomingo na Provincia de S. Paulo referi estes sentimentos, que eram bem confessivos, pois a minha inveja, a despeito da chapn nada tinda de negra, antes cambiava para o bello e sério azul-ferrete da amizade melancolica.

Se nestas desalinhadas memorias a minha musa inspiradora não fosse, com as suas Confissões de Rousseau, guardadas as distancias, a absoluta sinceridade, evitaria contar a minha despedida de S. Paulo no tocante a Ezequiel Freire.

O meu espirituoso e original amigo afecciona-se demasiado á botanica; quando, em vez e antes d'ella, cultivava o sport, ainda viuha ás vezes, no seu bonito alazão, palestrar um quarto d'hora commigo, ao meu eremiterio de Santa Ephigenia; depois que se de licou ao calado e á begonia, pouco sahia de casa, a não ser para as aulas, e a sua boa proza cheia de malicia e de poesia foi se diabolicamente arrevezando de tecnologia botanica.

Fomos aos assist perdendo de vista, e affundando na collação do meu grau academico, o meu querido camarada faltou em lignamente á minha opa, corrompido pelos encantos de uma orchidêa singular, que lhe florescera nessa manhã, e que elle se ficara embevecido a contemplar, esquecido do ultimo abraço que devia ao companheiro que se ia emboriar...

Se eu fosse autoritariamente em botanica, vingava-me d'aquelle parasita mil vezes annual logoa, que sugara de um seio amig tola a seiva dos antigos affectos,—chamava-lhe para todo o sempre e para a execração das almas bem formadas—orchidêa algida.

Valeoa, 2 de Abril de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

SPORT

Com bastante animação e grande concurrencia realisou no domingo pas-

sado o Derby Club a primeira corrida deste anno, apresentando-nos um programma importante, composto de oito parcos preuchilos com parelhos d'horros, tanto nacionaes como estrangeiros, alguns collechilos, outros novos que pela primeira vez se estraram nas ras fargas e as suas pallulas em abono lo apuramento da raça cavallar em n'esse paiz, ha pouco tempo immorta.

Os parcos em geral, foram bem disputados e tornaram-se interessantes pela pericia luta que muitos proffissionais travaram durante o trajecto da corrida. Entretanto, presenciamos alguns parcos, em que diversos parelhos pareceram n'ella nante superiores faros, segundo as informações dos competentes juizes de rra, soffocados para fazerem mal a corrida em detrimento da honra d'elles a conduta que os apostadores este mal divertimento e depositar n'as collechillas lo mero da importancia. Estes abusos e estas combinações, quasi sempre repetidas, somente desappareceram logo que as directorias tomaram as solutas energias como niam: a desqualificação do animal e a suspensão do jockey por um anno. Applicada esta medida severa, ficario evitadas estas combinações immorales e estabelecera-se a seriedade e o devoto respeito ás sociedades perfeitamente constituidas.

Eis o resultado dos parcos. O 1º parco (1000 metros) foi disputado regularmente por Corcoran, Bernice e Archimedes que, tendo atrazado a corrida, mostran ser um producto de 2 annos lo brillante futuro; passou os seus competidores com muita facilidade e fezno lo gran deanteira sobre elles; proximo a posto de chegada, praulencia contra a corria, afirmando por terra muitos espectadores, que involuntariamente estavam. O jockey pouco se machucou e n'la soffreu o lin lo producto nacional. Bernice em 72 segundos foi vencedor e Corcoran em 2º logar. Juanita em 3º e Saniticoa em 4º. Outros não correu.

O 2º parco (1500 metros) foi valentemente disputado por Daybreak que em 102 segundos foi o vencedor. Percy chegou em 2º logar e Purpury em 3º. Phenicia que erga a favorita fez mal ligar e pessima corria. Sra. Queen, e Amozos não mereceram classificação. Bobana não correu.

O 3º parco (1500 metros) foi vencido com muito facilidade por Oblivion em 102 segundos. Dandy fez figura triste, quasi ficou distanciado. Argentino em 2º logar. Monitor não correu e a sua falta prejudicou bastante este parco que teria importância se elle o tivesse disputado.

O 4º parco (1600 metros) foi um das que melhor foram disputadas. Charides ao signil de sahila, tomou a dianteira quasi até ao posto de chegada, quando foi alcançada por Walter que apenas por cabeça e em 110 segundos foi o vencedor. Le Loup, que nos pareceo parelhito regular, a principio praulencia algum susto e teve o 2º logar. Rug Blue, que correu de alcance chegou em 3º logar, parecendo-nos este anno em melhores condições e para tiro longo. Poruna e Coupou não correram. A falta deste ultimo enfraqueceu um pouco a importancia deste parco.

O 5º parco (1600 metros) foi disputado por Borex que, alem de estar em n'as condições, puaa importancia das 4 corridas fazeno-a em 120 segundos e tristemente derrotado por Dice que no freio em 115 segundos, foi vencedor. Macaró deu um gallop de acto de presença. Tatimim não corrou e se tal accedesse as cousas teriam melhor resultado neste parco.

O 6º parco (1600 metros) foi brilhante: venceu lo Salla, em 113 segundos e Satan em 2º logar, ainda não estando em boas condições. Phrynia, a invencivel dos 2 grandes premios, foi verguhosamente batida chegando em 3º logar e pelas informaçoes dos diversos juizes de raia foi ella algumas vezes bastante soffreda pelo jockey. Recomendando-o ao codigo de sociedade. Dr. Jenner em 4º logar Swamp, Olinda e Salvatus não correram. Este parco teria tido mais merecimento se fosse disputado pelo valente Salvatus, animal superior e lutador e que indubitavelmente evitaria o resultado desperado da derrota verguhoza da Phrynia...

O 7º parco (1600 metros) foi gaoho em 115 segundos por Inima que, tendo boa sahida, conservou-se sempre na ponta, até o posto de chegada. Druid,

o favorito, foi infeliz na subida e teve por máo amigo durante a corrida *Mandarin* que lutou com elle quasi sempre chegando em 2º lugar. *Biscain* em 3º.

O 5º parvo (145 metros) foi bem disputado por *Baccarat* que chegou em 2º lugar. *Jenny* em 3º logo pelo *Rondello* que facilmente, em 100 segundos, venceu os seus competidores. *Marengo*, que a principio esteve na frente, fraqueou chegando em 4º lugar. *Chapote* o *Gladiador* em ultimo lugar.

Não correram *Damon*, *Pretoria*, *Ondina*, *Caporal*, *Wlodimer* e *Guacho*.

Realisa amanhã, com um esplendido programma, o Prado Villa-Izabel a 3ª corrida deste anno. Pelos parelhinhos inscriptos os paeros deverão ter grande importancia e esperamos o bom exito na execução da corrida.

L. M. BASTOS.

O ARTISTA

(A ALFREDO DE SOUZA)

Ernesto, pintor illustre, em frente ao filho morto
Exclamava, soluçando:—«O Deus, que tenho eu feito
P'ra morrer de tão castigo tal?... Desfeito
Eu vejo o meu porri!... jamais terei conforto!...

Meu formoso steller se converteu em hero
Onde a magoa se alastra!... E' martyr o meu pei-
to!...

—Cede ao cansaço, o pobre, e dorme em triste lei-
to!...

Depois desperta, geme, e encara o filho, absorto!...

Traçando um circulo aéreo em torno ao regelado
cadaver, diz:—«Grandioso!... A cripa ha de ser
bella!...

Que tom, meu Deus! Que tom!... Que assumo subli-
mo!...

De novo o espaço medita!... Um céu no olhar se
estrella!...

E, sobre a dor cruel da paé desventurado,
O artista desenrola o esplendorosa ideal!...

VÉO-NANZIO.

(*) Depois da leitura do conto de Octavio Mirbeau, publicado no n. 129 d'A Semana.

THEATROS-

LUCINDA

Foi um verdadeiro successo a apparição do *Gallo de ouro* no palco d'este theatro. O libreto é escripto com muita verve e tem situações de um comico irresistivel.

Bem avisados andaram os Srs. Arthur Azevedo e Azeredo Coutinho em traduzir esta desopilante opereta de Ordre-meu.

Quanto á partitura, basta dizer que é do afamado auctor da *Masotte*, e neste ponto está feita a nossa critica.

O desempenho por parte dos primeiros artistas foi digno dos seus talentos e reconhecidos dotes. Abrimos aqui um parenthesis luminoso e dentro d'elle escrevemos o nome do popular actor Peixoto que, no papel de Florestão, principalmente a scena do duello, trouxe em continua hilaridade os espectadores e deu-lhe uma bellissima interpretação.

E' de justiça tambem dizermos que Cindra Polonio cantou e representou com muita expressão e naturalidade, o seu papel de Rosina.

O *Gallo de ouro* está posto em scena com luxo e gosto. Os seus scenarios são magnificos.

E' de esperar que o *Gallo de ouro* não deixará tão cedo o poleiro do Lucinda.

PRINCEPE IMPERIAL

Sob o titulo *A Rainha do Carnaval* subio no dia 29 á scena neste theatro a graciosa opereta *Le Pom-pom* de Chivot e Duru.

Foi muito boa a sua interpretação. Jeanne de Kaylus fez gentilimento o seu papel de Fioreta. Rosalba Becci, que pela primeira vez representava em portuguez, encarregou-se do papel de Piccolo e revelou talento e aptidões que se aperfeiçoarão, se estudar. Becci é graciosa e espontanea em seus movimentos scenicos, tem excellento mobilidade physiologica e possui uma boa qualidade: — trata de encarnar-se o mais possivel no personagem que representa. Assim foi que no papel de Piccolo, embora seja pouco extensa e educada a sua voz, deu-nos boa interpretação e disse com maestria algumas phrases do seu papel. Montedonio no do Barbino esteve excellente. Michela foi enorme no de D. Melchior. Os demais artistas concorreram na altura de suas forças para o bom desempenho da peça.

A *Rainha do Carnaval* está montada com luxo e as vestimentas dos seus personagens são ricas e de muito gosto.

A julgar pela recepção que teve na sua *première*, a *Rainha do Carnaval* reinará por muito tempo no Principe Imperial.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Esteve muito concorrida e animada a festa de caridade que a Sociedade Françoza realizou sabbado neste theatro.

A companhia da Phenix Dramatica dá hoje, em primeira representação, no S. Pedro, a nova e apparatusa peça *O milagre de N. S. da Penha*.

RECREIO DRAMATICO

Representou-se hontem neste theatro, em *première* o ultimo e famoso drama de Dumas Filho — *Francillon*. Da peça e do seu desempenho diremos no nosso proximo numero.

SANT'ANNA

Na terça-feira faz beneficio neste theatro e despede-se do publico, pois que parte para a Europa, o provecito actor Simões.

O programma é dos mais atrahentes: figura nelle a *Grèce des ferreiros*. O actor Simões é bastante estimado e conhecido e cremos que os seus amigos e admiradores não deixarão de, em sua festa de despedida, manifestar-lhe o alto apreço em que o têm.

Auguramos-lhe muitas flores, palmas, bravos e um *casão*.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

A' rua da Estrella n. 2 inaugura-se hoje, com um sarão-concerto que promete ser atrahente o *Club do Rio Comprido*.

Aos iniciadores d'este novo centro do diversões damos desde já os nossos parabens desejando ao Club auspiciosissima e gloriosa existencia.

O sarão-concerto dado pelo *Club do Engenho Velho*, na quarta-feira, foi dos mais atrahentes e animados.

O bello sexo fez-se numerosa e brilhantemente representar e ostentava capriciosas *toilettes*.

O concerto, que se compoz de escolhidissimos trechos de musica foi magistralmente executado.

Terminou esta encantadora reunião com um baile arrebatador, entusiastico e delirante.

Parabens á sua distincta directoria.

LORGNON.

FACTOS E NOTICIAS

No dia 26 realisou-se a quarta sessão litteraria do Gremio de Letras e Artes. Leram trabalhos:

Guilherme Martins: *Carta a Olavo* e *Leitura*, traducção de Theodoro de Banville.

Moraes Silva: *O Perdão* e *a Festa das Lagrimas*.

Alberto Silva: *O Jasmineiro em flor* e *Cañção aos quilombolas*.

Rodrigo Octavio um artigo sobre Alberto Silva, para a Galeria do Elogio Mltimo, d'A Semana.

Valentin Magalhães: um conto — *Um dia feliz*, e Guimarães Passos um formoso soneto.

Os Srs. Pacheco Junior e Lameira de Andrade estão confeccionando um livro de *Noções de grammatica portugueza*, de accordo com o ultimo programma do ensino.

Os nomes dos auctores, profundos philologos, garantem previamente a excellencia da obra.

Os Srs. Costa Lima & Oliveira, proprietarios do *High-Life's Billards* programaram o salão d'aquelle jogo até á rua Seto de Setembro, devendo ter lugar hoje a inauguração desse importante melhoramento.

RECEBEMOS

— *A Rosa*, anno 1, n. 2. Jornal litterario, pequenillo, gentil, perfumoso. Aparece no Porto.

— *Revista do Norte*, ns. 8 e 9. Recife. Interessante e do agradável leitura.

— *A Estação*, n. 8, anno XVI. Traz elegantes figurinas.

— *Relatorio e Synops* dos trabalhos da Camara dos Deputados na sessão do anno passado, contendo o andamento de projectos, pareceres, discussão especificada do orçamento, etc. Foi organizado o muito habilmente pela Secretaria da Camara.

— *Relatorio* apresentado á Assembleia Legislativa Provincial de S. Paulo pelo seu presidente Barão do Paranahyba.

— *Exatatos* da Sociedade Remissora e de Auxilio mutuo *Em nome do Christo*.

— *Correio da Europa*, anno. 8, n. 8. Vê-se na sua primeira pagina um bello retrato do Dr. Figueiredo de Magalhães.

— *Garbosa e Iracema*, composições musicas de D. Anna Brandão. A primeira é uma polka verdadeiramente garbosa e a segunda uma walsa, digna de ser dançada pela heroína de Alencar.

— *Dicionario Universal Portuguez*. D'esta importantissima e monumental publicação, o fasc. n. 90. Na pagina 693 lê-se: «O regimen que presidió á função do Banco do Brazil, a mais vasta organização bancaria fundada na America do Sul...»

— *Que diz a isto*, Sar. Quintino Bocayuva?.

— *A Nebulosa* n. 1. Vida longa é o que lhe desejamos.

ANNUNCIOS

A Chapelaria Inglesa—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retirou da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéus Ingleses. Rua do Ouvidor, 120.

O advogado Dr. Valentin Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—*Rua dos Ourives, 51*.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das criancas.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas: de 11/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECÇÃO 108

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta do hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, os-crophulias, rachitis, anemia, debilidade em geral, dofluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

F. Navarro de M. Salles—encarregado-se de defezus perante o jury. Muzambinho—Minas.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores do machinas e apperellos para lavoura—Schubert, Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Rolocoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Solicitador—Francisco R. de A Novaes—Juiz de Fora.

Corrêa da Silva & C. é e nica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, o nas principaes casas do molhados e coofeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIO

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPE

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Pr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS **1.000:000\$000** MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.

100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 lica-so habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lho possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

PRADO VILLA-IZABEL

PROGRAMMA DA 2ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 8 DE MAIO DE 1887

AO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo — Conciliação (Handicap) — 1.000 metros — Animas de menos de meio-sangue — Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Pellos	Edades	Naturalidades	Pesos	Côres das vestimentas	Proprietarios
1	Mnrtha.....	Castanho.....	2 annos...	Rio de Janeiro.	45 kilos...	Azul e grénat.....	I. P.
2	Savana.....	Idem.....	5 »	R. Gr. do Sul...	50 »	Grénat e rosa.....	F. G.
3	Guacho.....	Chita.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e grénat.....	A. M.
4	Verbeia.....	Castanho.....	4 »	Rio de Janeiro.	50 »	Idem, idem.....	Coudelaria Santa Cruz.
5	Bolero.....	Idem.....	3 »	Rio Grande.....	46 »	Encarnado e ouro.....	A. M. S. L.
6	Cantagallo.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	60 »	Preto e vermelho.....	Fontes & C.
7	Oudina.....	Tordilho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
8	Rigoletto.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	S. V.

2º pareo — Suppletario — Omnibus: 1.450 metros — Interece eguas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Swamp.....	Castanho.....	4 annos...	Inglaterra.....	55 kilos...	Azul.....	C.
2	Talisman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado.....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Martin.....	Castanho.....	4 »	França.....	57 »	Encarnado e preto.....	A. M. P.
4	Le-Loup.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	57 »	Azul e grénat.....	Coud. InternacionaI.

3º pareo — Progredior — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio-sangue, que não tenham gaubo este anno — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Mandarim.....	Rosilho.....	4 annos...	S. Paulo.....	51 kilos...	Azul e grénat.....	Coudelaria Paraizo.
2	Rondello.....	Douradilho.....	3 »	Idem.....	48 »	Idem idem.....	Lazaro & Lima.
3	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Janeiro..	49 »	Preto, branco e encarnado.....	Manuel S. Ferreira.
4	Intima.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

4º pareo — Productos — 1.000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Corcovado.....	Castanho.....	2 annos...	Rio de Janeiro.	43 kilos...	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
2	Esmeralda.....	Idem.....	2 »	S. Paulo.....	44 »	Br. manchas e boné havana...	Coudelaria Alliança.
3	Archimedes.....	Zaino.....	2 »	Rio de Janeiro.	45 »	Ouro, mangas e boné azul...	Idem, idem.
4	Sensitiva.....	Tordilho.....	2 »	Idem.....	42 »	Grénat e ouro.....	B. V.
5	Gazella.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	42 »	Lyrio e ouro.....	C. G.
6	Juanita.....	Balo.....	2 »	Idem.....	42 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

5º pareo — Suburbano (Handicap) — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Walter.....	Douradilho.....	4 annos...	Inglaterra.....	53 1/2k. ...	Grénat e rosa.....	S. M.
2	Speciosa.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	48 »	Azul e grénat.....	Coud. InternacionaI.
3	Diva.....	Idem.....	4 »	Minas Geraes..	43 »	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense.
4	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata...	40 »	Grénat e ouro.....	J. S.
5	Scylla.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra.....	57 1/2» ..	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Coupon.....	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Azul e branco.....	Coudelaria Cruzeiro.

6º pareo — InternacionaI — 1.450 metros — Animas de qualquer paiz até 3 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Odalisca.....	Pampa.....	3 annos...	S. Paulo.....	48 kilos...	Verde, branco e encarnado.....	Coudelaria Excelstor.
2	Amazonas.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra.....	54 »	Azul e ouro.....	L. C.
3	Pancy.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata...	51 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
4	Queen.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra.....	52 »	Azul.....	C.
5	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	54 »	Ouro e boné azul.....	D. Julia Vieira.
6	The Queen.....	Castanho.....	2 »	Idem.....	49 »	Idem.....	Idem.

7º pareo — Villa-Isabel — 1.300 metros — Animas nacionaes até meio-sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Biscaia.....	Alazão.....	4 annos...	S. Paulo.....	49 kilos...	Azul e grénat.....	Coudelaria Santa Cruz.
2	Druid.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Janeiro.	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Cantagallo.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	49 »	Preto e vermelho.....	Fontes & C.
4	Mondego (ex-Brioso).....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Preto, branco e encarnado.....	S. & Ferreira.
5	Aymoré.....	Idem.....	6 »	Idem.....	55 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	49 »	Azul, branco e amarello.....	Coudelaria Esperança.
7	Baccarat II.....	Gateado.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e branco.....	F. J. C.

OBSERVAÇÕES

As corridas, principiando ao meio-dia em ponto, os animas inscriptos, no primeiro pareo devem achar-se no encilhamento ás 11 horas precisas.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.